

Dia do Médico

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 18, 19 e 20 de outubro de 2024

HSVP/DIVULGAÇÃO/JC



Quando o foco são os médicos

No Dia do Médico, o Jornal do Comércio mostra diversos perfis de profissionais que atuam no Rio Grande do Sul e como a tecnologia tem impactado o dia a dia da categoria

PANORAMA

Médicos devem priorizar saúde mental em meio a problemas estruturais

Entidades avaliam cenários para identificar riscos e propor meios de assistência

Giana Milani, especial para o JC

Como está a saúde mental dos médicos no Brasil? Segundo o estudo Qualidade de vida do médico, realizado pelo centro de pesquisa da Afya, 39,8% dos profissionais alegam ter alguma doença mental, percentual que sobe para 44,3% na Região Sul, a de maior prevalência entre todas.

Questões como a demanda elevada e o descontentamento com o sistema de saúde são alguns dos fatores que os participantes relacionam ao aumento do nível de estresse no dia a dia. “O trabalho médico por si só exige a excelência e a competência em 100% dos atendimentos, pois lidamos com a vida”, pontua Bruno Lo Iacono Borba, médico psiquiatra do Hospital Bruno Born, de Lajeado.

Para oferecer assistência, entidades como o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers) vêm desenvolvendo uma série de ações relacionadas à saúde mental e à promoção do bem-estar. Uma delas é o SIM Mental, plataforma de atendimento psiquiátrico que reúne serviços especializados para os associados. Ela foi criada em 2020, após o levantamento de dados de um questionário para avaliar as consequências da pandemia entre médicos e estudantes.

O vice-presidente do Simers e também psiquiatra, Fernando Uberti, observa que situações como a da Covid-19 e, mais recentemente, as enchentes no Rio Grande do Sul, tornam as pessoas mais vulneráveis aos impactos psiquiátricos. “Além da carga natural de estresse que o profissional médico já enfrenta, existia uma carga adicional por estar em uma pandemia. Havia o receio de pegar a doença, de ter familiares afetados, a preocupação com a questão financeira. Os médicos estavam na linha de frente, cuidando das pessoas. É claro que isso traz ansiedade, influenciando no sono e

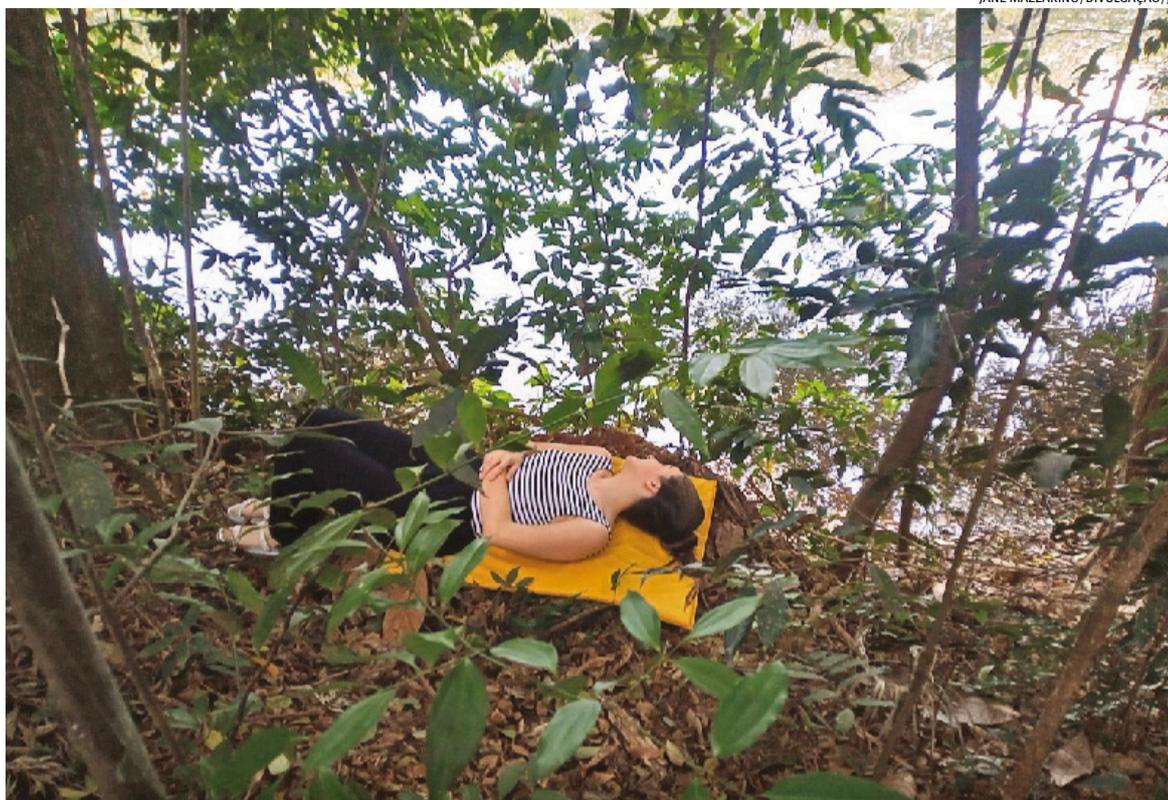
na qualidade de vida, questões que apareceram nos dados levantados”, comenta.

O questionário também trouxe outro cenário desafiador: a saúde mental dos médicos residentes. Desse modo, a entidade criou um grupo técnico com outras instituições para construir um projeto inédito, o “Simers +Mais Saúde na Residência”, que tem como objetivo a redução do estigma, a prevenção em saúde mental e a identificação de riscos. “Pretendemos trabalhar com a intervenção precoce, ou seja, identificar o risco e intervir precocemente para não deixar essa demanda em saúde mental se tornar uma doença e se agravar”, explica Uberti.

Atualmente, o piloto do projeto ocorre em três instituições, nas quais os residentes respondem a questionários e passam por uma avaliação. “Os resultados preocupam. Percebemos uma alta prevalência de depressão e ansiedade. Há, ainda, níveis de Burnout que inspiram cuidados”, detalha o professor e pesquisador Wagner de Lara Machado, que integra a iniciativa por meio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs).

De acordo com Machado, a ideia é ampliar essa coleta para todos os programas de residência médica no Estado. A previsão de conclusão do projeto é para o 1º semestre de 2025, com posterior encaminhamento dos resultados para o Ministério da Saúde e para o Ministério da Educação. “Há muito menos profissionais do que o necessário para atender a demanda da saúde pública no Brasil. Estamos fazendo esse diagnóstico para sensibilizar as autarquias federais que podem, de certa forma, reverter essa situação. Os médicos residentes têm um papel muito importante para que o nosso Sistema Único de Saúde funcione, dando conta de atender a demanda da população”, analisa.

Para Machado, o autocuidado entre os médicos é necessário, assim como é preciso compreender outros determinantes que podem impactar na saúde mental destes profissionais. “Há questões que não estão sob



Passar um tempo em contato com a natureza pode reduzir ansiedade, estresse, tensão e emoções negativas

controle do médico. É um equilíbrio. Temos que falar sobre o autocuidado e o estilo de vida, mas esse não pode ser um âlibi para não se falar das dificuldades estruturais”, justifica.

O vice-presidente do Simers recomenda aos médicos que não negligenciem a própria saúde, seja física ou mental. “Isso é fundamental para a nossa vida pessoal e profissional. Um médico que está impactado psiquiatricamente, em uma situação de esgotamento, de saturação ou com uma síndrome de Burnout, não será um médico tão bom para seus pacientes como seria em uma condição habitual”, alerta Uberti. Por isso, é preciso estar atento aos possíveis sintomas e buscar ajuda o quanto antes, complementa Borba. “E, como orientado para a população em geral: manter bons vínculos afetivos, autocuidado e espiritualidade também são importantes para a saúde mental”, acrescenta. Esse assunto, aliás, pode começar a ser abordado na faculdade, como sugere a professora Jane Márcia Mazzarino, da Universidade do Vale do Taquari (Univates).

Segundo ela, passar um tempo em contato com a natureza pode reduzir a ansiedade, o estresse, a tensão e as emoções negativas, devido à liberação de fitocidas pelas plantas. Essa é a proposta dos “banhos de floresta”, ministrados pela professora como uma das atividades práticas dos módulos de Saúde e Sociedade. Jane acredita que é revolucionário uma instituição assumir no currículo a necessidade de cuidar da saúde de seus estudantes. Ela destaca que, no Japão, onde a prática teve início nos anos 1950,



Jane Mazzarino, professora da Univates, promove banhos de floresta



“Há poucos profissionais para atender a demanda pública”, diz Machado

os banhos de florestas fazem parte da política pública de saúde. “No Brasil, há um movimento para incluímos eles em uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS),

junto com as 29 já ofertadas pelo SUS, tais como a ioga e arteterapia, outras duas formas de experiências que os alunos de Medicina têm nas minhas aulas”, conta.

Expediente

Editor-chefe: Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) • **Editor-executivo:** Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br)
Editora de Economia: Fernanda Crancio • **Reportagem:** Giana Milani e Luciane Medeiros • **Diagramação:** Gabrieli Silva, Ingrid Müller, Luis Gustavo Van Ondheusden

TECNOLOGIA

IA potencializa atuação dos médicos

Hospitais do RS adotam soluções que facilitam a rotina de seus profissionais

Luciane Medeiros

luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

A Inteligência Artificial (IA) se faz cada dia mais presente nos hospitais brasileiros. Seja por meio de ferramentas para gestão hospitalar ou na análise de exames, facilitando a tomada de decisões, as inovações tecnológicas vêm oferecendo importantes contribuições à rotina dos médicos e impactando no atendimento prestado aos pacientes. No Rio Grande do Sul, diversas iniciativas de IA vêm sendo implementadas no ambiente hospitalar, sendo aliadas para uma melhor atuação dos médicos.

O coordenador do Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia (Nitt) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e professor do curso de Medicina, Hugo Goulart de Oliveira, pontua que a Inteligência Artificial assumiu uma velocidade maior na última década e é importante transportar isso para a cultura organizacional das instituições. Ele ressalta que neste primeiro momento é preciso sempre contar com a capacidade humana de julgar e avaliar as informações, e amadurecer todo o processo que envolve o uso de Inteligência Artificial, contando com a participação do paciente no entendimento que está sendo feito com a

tecnologia e o que está sendo feito com o pensamento humano.

“O Hospital de Clínicas tem explorado soluções de Inteligência Artificial com o objetivo de aprimorar tanto processos administrativos quanto diagnósticos médicos. Estes processos estão em fase de testes antes de qualquer implementação em maior escala”, esclarece Oliveira.

Em 2022, dois projetos do HCPA envolvendo IA foram selecionados em edital pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia e inovação. O Desafio Deep Radio, proposto pelo Serviço de Física Médica e Radioproteção para encontrar solução de IA para analisar exames de raio-x de tórax, recebeu R\$ 3,6 milhões, enquanto o Comply, sugerido pelo Serviço de Compras, que auxilia na indicação em casos de compra de órteses, próteses e materiais especiais, obteve R\$ 4,2 milhões.

“A ideia é que possamos utilizar Inteligência Artificial para nos proporcionar melhores condições de atender os pacientes que fazem diagnóstico de imagem. Inicialmente começamos com raio-X de tórax”, explica Oliveira.

O HCPA realiza 100 raio-X de tórax por dia, exames que são feitos no ambulatório em pacientes que estão com algum problema e entram em uma fila para serem avaliados. “Muitas vezes, há achados que são significativos e que precisariam da avaliação do radiologista de uma maneira mais



PRESSFOTO/FREEPIK/DIVULGAÇÃO/JC

Especialistas destacam que o uso da ferramenta tem ajudado no trabalho diário dos médicos

urgente, mais precoce, salienta o coordenador. É uma maneira de usar a Inteligência Artificial de uma maneira escalonada, onde o médico radiologista vai ser beneficiado e o paciente também em última análise”, afirma.

O Comply, por sua vez, vai otimizar as compras de órtese, próteses e materiais especiais. Quando é feito algum procedimento cirúrgico ou não, que depende de algo implantável no paciente, há uma série de medidas que precisam ser levadas em consideração - desde o que o médico quer, o que o paciente precisa, quem é o melhor fornecedor, melhor preço e disponibilidade. A IA reduz o tempo para que essas informações sejam reunidas, mas a intenção, diz o coordenador do Nitt, é levar

essa agilidade a outras áreas, envolvendo toda a trilha de cuidado dos pacientes. Oliveira cita como exemplo um paciente que está com o procedimento agendado e precisa ser alterado porque a realização de um transplante vai ocorrer na sala onde ele seria atendido. “Ele vai ter o procedimento reagendado e automaticamente pode receber uma mensagem que não precisa ir para o hospital, de que será informada a nova data. Isso facilita e tira os transtornos do processo todo que envolve o atendimento em saúde”, salienta.

“A nossa visão é que a Inteligência Artificial vai muito mais potencializar os médicos do que substituir. Essa é a visão de quem estuda a IA tanto do ponto de vista acadêmico quanto de business, a

ideia na área da saúde nunca é de substituição”, complementa Lucas Silva, professor do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e lotado no Serviço de Medicina de Emergência do HCPA. A IA pode ajudar em várias frentes da Medicina, desde a administrativa até a parte do diagnóstico por imagem, mas uma das grandes tendências que vem sendo estudada é na tomada de decisões dos médicos. “Muitas vezes temos que tomar decisões com pouca informação, mas os médicos por vezes não têm tempo de sumarizar todos esses dados. A IA pode ajudar muito a buscar informações que o profissional não consegue acessar rapidamente com o prontuário”, exemplifica Silva.

Neste Dia do Médico, celebramos aqueles que constroem a saúde com a mesma dedicação e precisão com que projetamos nossos espaços.

18 de Outubro
Dia do Médico

Especialistas em arquitetura da saúde

contato@erikalistoarquitetura.com.br
@erika_listo_arquitetura

Resp. Técnico: Arq. Erika Listo - CAU A26944-1



Erika Listo
ARQUITETURA



foto: christiano bauce

REPORTAGEM ESPECIAL



ANA PAULA KOENEMANN/DIVULGAÇÃO/JC

No empreendedorismo, no cooperativismo ou na sala de aula, o papel de quem zela pela vida é imprescindível

Profissionais atuam para transformar e fortalecer a saúde

Investimentos na Capital e no Interior potencializam as qualidades de diferentes perfis de médicos

Giana Milani, especial para o JC

O Rio Grande do Sul tem 40.070 médicos ativos, segundo dados do Conselho Regional de Medicina do Estado (Cremers). Em 2023, foram 2.898 novas solicitações, um aumento expressivo se comparado a 2019 (1.721 inscrições). Este crescimento representa a força do segmento de saúde, assim como a importância dos médicos que vêm atuando em diversas frentes. Afinal, seja no empreendedorismo, no cooperativismo, no pioneirismo, na busca contínua pela evolução ou na sala de aula, o papel do médico é imprescindível para desenvolver o setor e atender a demanda da população, posicionando o Estado entre os centros de referência do País.

O crescimento do número de profissionais na área da saúde tem sido promissor para empreendedores, é o que argumenta Gabriela Ferreira, diretora da DeltaMed. O negócio atua como coworking de saúde, por meio de consultórios compartilhados, oferecendo aos usuários a possibilidade de pagarem pelo tempo de uso. Em Porto Alegre desde 2022, já conta com 77 consultórios equipados, no MedPlex Eixo Norte, na avenida Assis Brasil, bairro

Passo d'Areia, ocupando uma área aproximada de 1.700 m².

“Nascemos da carência de uma solução mais completa para profissionais da área da saúde em Porto Alegre e região, que oferecesse flexibilidade e conveniência para os médicos, biomédicos, psicólogos de diferentes especialidades e também para pacientes”, conta Gabriela. Para ela, o setor está se voltando para a tendência mundial de compartilhamento de espaços, otimização de recursos e, por consequência, redução no valor gasto. “É um público que cada vez mais valoriza o seu tempo e o alto valor agregado daquilo que consome”, explica.

Na década de 1920, porém, o cenário ainda era outro. Em Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, não havia hospital, tampouco estrutura para a prática da Medicina. O médico italiano Bartholomeu Tacchini, que morava no município desde 1912, atendia os pacientes da comunidade. Diante da ameaça de se mudar para outro local, a sociedade se mobilizou para arrecadar recursos e construir um espaço adequado. Hoje, o Hospital Tacchini, que leva seu nome e completou um século de história em 2024, é centro de referência do Sistema Único de Saúde (SUS) para 24 municípios. E, desde 1980, tem um plano de saúde próprio, o Tacchimed.

Roberta Paulikevis Vilas Boas, diretora de Divisão Hospitalar do Tacchini Saúde, cita os planos de expansão do Tacchini nos últimos

anos. Isso inclui desde melhorias e expansões no Hospital Tacchini Carlos Barbosa até a construção do Hospital do Tacchimed, o maior investimento da história da instituição, com projeção de abertura de 120 leitos, a serem entregues gradativamente a partir de 2025.

Para o primeiro semestre do próximo ano, está prevista a inauguração do Medical Center, uma nova estrutura que irá integrar consultórios médicos, um Centro de Diagnóstico por Imagem e um Hospital Dia, voltado para procedimentos ambulatoriais que não exigem internação.

“Nossa intenção é seguir o projeto de expansão da instituição, fortalecendo o Tacchini como um dos principais complexos de saúde da região, nos antecipando à crescente demanda por serviços hospitalares de qualidade”, afirma.

Outro projeto é o da abertura do primeiro curso de Medicina de Bento Gonçalves, fruto de uma parceria com a Univates, que aguarda aprovação governamental para o lançamento. “O principal fator que garante a longevidade do Tacchini é o trabalho contínuo do Conselho de Administração, formado por um grupo de voluntários dedicados. São empresários, líderes da comunidade, que assumem de forma altruísta a responsabilidade de garantir uma gestão estratégica sólida, que tem sido fundamental para a continuidade e o crescimento da instituição”, complementa Roberta.

Sem previsão para parar de atender

Com a morte de Tacchini, na década de 1930, o médico Walter Galassi assumiu a direção do hospital. Foi ele a inspiração para Antônio Carlos Koff, 87 anos, cirurgião geral, seguir na profissão. Com seis décadas dedicadas ao Tacchini, Koff é o médico que está há mais tempo atuando na instituição. “O Galassi era amigo do meu pai, o conhecia desde a minha infância, e todos os domingos ele ia até nossa casa. Meu irmão também se tornou médico e recebeu o nome de Walter em homenagem a ele”, conta Koff.

O profissional garante que sempre teve o sonho de trabalhar no hospital e que, quando começou, na década de 1960, a situação era diferente. “Naquela época, éramos poucos médicos, acredito que seis, sete ou oito. Os recursos daquele tempo também eram escassos. Éramos chamados à noite, fora

de horário, atendíamos no Interior e íamos na casa dos pacientes. Mas foi dando certo, fomos vencendo”, observa.

Koff revela que não tem planos para parar. “É melhor trabalhar do que não. Até para a saúde e para a mente, funciona melhor. É vantajoso”, avalia. Ele também elogia a instituição, por quem foi homenageado pelos anos de serviços prestados. “Eles valorizam muito o médico. Afinal de contas, os humanos são importantes, não são os objetos que são importantes. É o ser humano.”

Para colaborar ainda mais com a comunidade, Koff começou a escrever artigos para jornais, e tem mais de 40 deles publicados, com assuntos relacionados ao universo. “Fiquei muito conhecido por causa disso, pois ajudou muitas pessoas. Procuramos contribuir com a comunidade de todas as maneiras possíveis”, constata.

TACCHINI/DIVULGAÇÃO/JC



Antônio Carlos Koff é o médico mais antigo do Tacchini

O neurocirurgião que tem os robôs como aliados de seus procedimentos

Ao longo da história, as inovações médicas trouxeram inúmeros benefícios na área da saúde. O desfibrilador, por exemplo, inventado pelo norte-americano William Kouwenhoven, em 1930, transformou a cardiologia, salvando a vida de milhares de pessoas. A evolução continua sendo essencial neste segmento, e muitas instituições apostam na aquisição de robôs e outros equipamentos e na implementação de novas técnicas para resultados mais efetivos.

Além do Tacchini, outro hospital centenário no Rio Grande do Sul é o Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), de Passo Fundo, que é referência em tecnologia e inovação. A instituição implementou a cirurgia robótica em 2022, com o robô Cori, que, desde então, já foi utilizado em 365 procedimentos ortopédicos. Por meio de uma câmera fixada na articulação e sensores no joelho, o Cori transmite, em um monitor, a tomada exata de medidas da área a ser operada. O neurocirurgião e diretor técnico médico da instituição,

Adroaldo Mallmann, acrescenta que está prevista a ampliação do uso do robô para cirurgias de próteses de quadril, assim que houver a liberação da Anvisa. No ano passado, o HSVP colocou em operação seu segundo robô, o Versius. Com técnicas minimamente invasivas, ele reduz os riscos de infecções e agiliza o tempo do pós-operatório. Desde abril de 2023, já foi usado em 140 procedimentos, de ginecologia a coloproctologia.

O HSVP foi ainda o primeiro da região Norte do Rio Grande do Sul a usar a técnica de criablação para tratamento de arritmia. Mallmann cita, também, a recente aquisição de um neuronavegador, indicado para cirurgias do cérebro e coluna, aparelho que antes era alugado pela instituição. “Ele funciona como um GPS. É possível ir exatamente nas lesões e patologias, sem lesar as estruturas adjacentes à lesão”, detalha. O HSVP é o único hospital do Interior a utilizar essa tecnologia em procedimentos do SUS.

Para o médico, é evidente a



Adroaldo Mallmann, do Hospital São Vicente de Paulo, de Passo Fundo, utiliza neuronavegador nas cirurgias

busca do hospital pela evolução contínua. “Estamos sempre procurando algo a mais para inovar e oferecer aos nossos pacientes”, menciona. Foi durante o estágio no hospital, na década de 1970, que Mallmann começou a se interessar pela tecnologia. Desafiado pelas complexidades do cérebro e da medula, se especializou em Londres e

continuou a se desenvolver nas cinco décadas dedicadas à Medicina.

Embora concorde que a tecnologia agrega, o médico entende que ela não substitui o trabalho humano. “A parte humana sempre vai ter que existir. Quem guia um robô? É o médico. Nós, humanos, temos uma discreta alteração na mão aos pequenos tremores, enquanto isso

não ocorre com o robô, só que ele só faz o movimento se eu comandar”, frisa.

Mallmann afirma que a inovação no HSVP não se resume à tecnologia. “O HSVP foi o primeiro hospital do interior do Estado a ter residência médica, em 1976. Temos a única CTI pediátrica da região, com projeto para aumentá-la.”



Os médicos destas imagens são profissionais atuantes e que se dedicam ao trabalho de representação e defesa da categoria como diretores do Simers.

“Obrigado, Doutor!,,

Um dia, você decidiu enfrentar horas intermináveis de estudo para se tornar médico. Sabia que o caminho seria longo, mas o desejo de cuidar das pessoas foi maior que qualquer desafio.

Noites sem fim, renúncias constantes. Cada passo na sua jornada foi marcado pelo empenho, pelo compromisso com seus pacientes e pela força da sua vocação.

O seu legado de dedicação será eterno, passando para as próximas gerações de médicos que, assim como você, decidiram dedicar suas vidas à nobre missão da medicina. **Sua decisão é essencial em nossas vidas.**

18 de outubro • Dia do Médico

simers
Sindicato Médico do Rio Grande do Sul

REPORTAGEM ESPECIAL

Dedicação ao ensino para inspirar futuros colegas

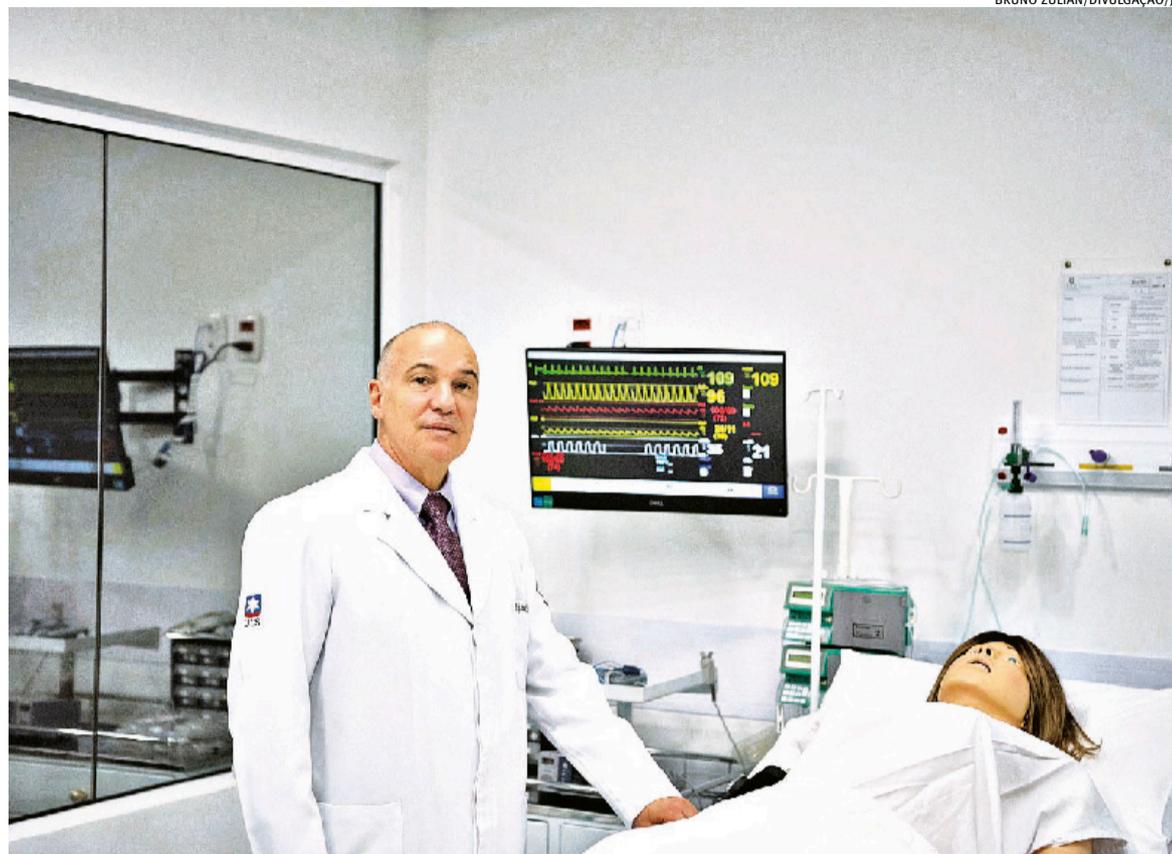
Em outubro, além do Dia do Médico, comemora-se o Dia do Professor. Ou seja, é motivo de dupla celebração para o neurocirurgião e doutor em Neurociências Asdrubal Falavigna, que divide sua rotina entre o consultório e a sala de aula. Professor do curso de Medicina na Universidade de Caxias do Sul (UCS), ele também é vice-reitor da instituição, na qual atua há 28 anos.

A aproximação do médico com a educação teve início na década de 1980, quando, ainda aluno da graduação, começou a ocupar cargos de monitoria. Para ele, ser professor é uma oportunidade de inspirar estudantes e colegas a serem os melhores profissionais e a desenvolverem diversas habilidades de empatia, liderança, comunicação e trabalho em equipe. “Não tenho dúvidas que a doação ao ensino nos torna mais inteligentes, atualizados e reflexivos, pois esta é uma via de aprendizado duplo, entre

professor e aluno”, analisa.

Antes de se tornar vice-reitor, Falavigna ocupou outros cargos de gestão na UCS, que é a única instituição que, atualmente, oferece curso de Medicina na Serra gaúcha, contando com 641 alunos e 155 professores. Desde sua inauguração, em 1968, já formou 2.647 médicos, alguns dos quais retornaram à universidade para serem docentes. “Formar profissionais melhores do que nós para a continuidade da docência do curso de Medicina traz muito orgulho. Este é o ciclo da vida: formar médicos excelentes para cuidar de nós e da comunidade”, observa.

Em 2023, a universidade promoveu o evento do jubileu de ouro de sua primeira turma, reunindo 17 dos 46 formandos de 1973. Também no ano passado, entregou a reestruturação do Bloco H, onde são realizadas as aulas do curso de Medicina. Uma das novidades é a Sala de Simulação da Vida,



Asdrubal Falavigna, da UCS, em Caxias do Sul, utiliza simuladores realísticos para suas lições em sala de aula

inspirada na aviação civil, que utiliza tecnologia de realidade virtual e simula inúmeras situações clínicas, proporcionando experiências imersivas e interativas. De acordo com a instituição, o ambiente é o único na

região nesta modalidade.

Falavigna também destaca o pioneirismo da UCS no Sistema de Acreditação de Escolas Médicas (Saame), criado pelo Conselho Federal de Medicina em 2016. “O curso

de Medicina da UCS foi a primeira escola médica a se postular para a acreditação e ser avaliada, sendo que hoje faz parte de um pequeno e seletivo número de escolas médicas acreditadas”, ressalta.

Início do caminho na Medicina é cheio de aprendizados

CAROLINE SBARDELLOTTI CAGLIARI/ARQUIVO PESSOAL/JC



Caroline se formou há seis anos e se especializou em geriatria

Em um levantamento realizado pela plataforma de agendamentos e consultas online Doctoralia, 63% dos brasileiros responderam que uma das coisas mais importantes em uma consulta é a abordagem humana, defendida pela paliativista e residente em geriatria Caroline Sbardellotto Cagliari, 32 anos, médica há seis. Ela acabou se apaixonando pela geriatria na faculdade, devido à possibilidade de cuidar do paciente como um todo, e se diz realizada na profissão. “Antes de tudo, é importante escolher algo que vá de encontro com nossos valores de vida, que nos faz sentir bem com aquilo que estamos fazendo. Essa é uma receita que não tem como dar errado. Quando você acredita no que você faz, quando você confia no que você faz, isso vai te fazer feliz”, acredita.

A médica compartilha uma história curiosa. Em uma ocasião, cuidou de uma idosa longeva que recebeu um diagnóstico difícil, precisando de uma decisão desafiadora que envolveu vários especialistas. A paciente sobreviveu. “Tempos depois, por acaso, conversando com a médica-veterinária do meu cachorro, descobri que esta paciente era avó dela. Essa profissional, inclusive, já salvou a vida do meu cachorro mais de uma vez. Eu não sabia, mas minha paciente era uma pessoa muito importante para uma pessoa muito importante para mim”, relata. Por fim, ela tirou uma lição. “O mundo é menor do que imaginamos, e o importante é que sejamos gentis e possamos dar o nosso melhor sempre.”

Cooperativismo aproxima

Ser referência de saúde em uma região significa atuar de maneira próxima, atendendo às necessidades locais. Esse interesse pela comunidade é um dos princípios do cooperativismo. “O desenvolvimento e os benefícios sociais e econômicos do cooperativismo impactam não somente os médicos cooperados, mas também toda a comunidade em que ele se encontra”, acredita Márcio Pizzato, anestesiológico e presidente do

Conselho de Administração da Unimed Porto Alegre. A ginecologista e obstetra Beatriz Vailati, vice-presidente do Conselho de Administração da Unimed Porto Alegre, reforça que “todos os dias, médicos cooperados têm a oportunidade de refletir e contribuir com o futuro da saúde”. Assim como Pizzato e Beatriz, mais de 6,8 mil médicos são cooperados da Unimed Porto Alegre, que conta com 665 mil clientes em 46 municípios gaúchos.

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Beatriz Vailati e Márcio Pizzato atuam na Unimed Porto Alegre



HOSPITAL
MOINHOS DE VENTO



Dia do
Médico
18 de outubro

Neste Dia do Médico, homenageamos aqueles que, com expertise e compromisso, dedicam suas vidas a Cuidar das Pessoas.

Obrigado por fazerem da vocação de cuidar uma missão tão nobre!

@hospitalmoinhosdevento

ENTREVISTA

Valorização e respeito garantem o melhor resultado para a saúde

O Sindicato Médico do Rio Grande do Sul soma 93 anos de atividades ininterruptas

Luciane Medeiros
luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

A classe médica tem papel fundamental na promoção da saúde e prevenção de doenças. A Medicina foi regulamentada no Brasil em 1931, mas foi apenas em 2013 que foi criada uma legislação para regular o ato médico. O Código Federal 12.842 estabeleceu as atividades privativas dos médicos e aquelas que poderiam ser desenvolvidas por outros trabalhadores da saúde. Uma das premissas de entidades como o Simers, que soma 93 anos, é defender a valorização dos médicos e a qualificação da saúde, conforme diz o presidente da entidade, Marcos Rovinski.

Jornal do Comércio - Qual o papel do profissional médico?

Marcos Rovinski - O médico faz parte de uma categoria diferenciada. Normalmente, muito cedo na vida optamos por renunciar a parte da adolescência para nos dedicarmos aos estudos e nos habilitarmos para os desafios da profissão. Não temos direito a erro, e, para tanto, precisamos estar muito bem-preparados para cuidar da saúde do próximo.

JC - Quais as conquistas recentes da classe médica?

Rovinski - Entre as conquistas, a criação dos Conselhos de Medicina. Isso significa que, desde 1957, os órgãos são capazes de atuar em defesa ética e da boa prática médica entre os mais de 550 mil médicos ativos em todo o País. Também podemos computar a aprovação da Lei 12.842/13 – chamada de

Lei do Ato Médico – que determina atos que são de exclusividade dos médicos, de forma a proteger não somente a categoria mas a saúde da população, impedindo que pessoas sem qualificação adequada pratiquem atos que potencialmente levam a complicações que só médicos bem preparados possam evitar e resolver. Alguns avanços da Medicina que marcaram a história recente são o prontuário eletrônico, a telemedicina, a cirurgia robótica assistida, dispositivos vestíveis (wearables) e impressões 3D, novas drogas e tratamentos, com grande avanço da tecnologia na prática médica, porém, sem reduzir a importância do que consideramos o pilar da atividade médica: a relação médico-paciente.

JC - E quais seriam os desafios que os médicos em atividade enfrentam atualmente?



Presidente do Simers, Rovinski defende formação consistente dos alunos

Rovinski - Temos nos defrontado com problemas resultantes da precarização dos contratos de trabalho a partir das terceirizações na atividade profissional. Muitos desses contratos têm como base o aviltamento da remuneração e a oferta de condições de trabalho não condizentes com a complexidade, tempo de formação e responsabilidade da atividade. Uma das causas dessa precarização está na proliferação desenfreada de escolas médicas, sem critério e sem fiscalização adequadas,

prejudicando a qualidade do ensino com dano direto à assistência em saúde da população. Temos de buscar estratégias sobre o que fazer para que tenhamos uma formação consistente aos nossos alunos. Precisamos de instrumentos precisos de avaliação dos médicos, para evitar a formação de profissionais sem a qualidade necessária.

• Leia a entrevista completa de Rovinski em www.jornaldocomercio.com

Nosso muito obrigado a quem dedica o dom de cuidar para transformar vidas.

18/10 | Dia do Médico

Uma homenagem do Grupo São Pietro aos profissionais médicos pelo seu dia.

www.saopietro.com.br



São Pietro
Hospitais e Clínicas

